

Mairawê e Oikoá. Trajetórias

Luise Weiss¹

“Os livros sempre estiveram próximos a mim com uma promessa, uma porta ou um cofre. Vivi rodeado de livros a vida toda. Acho difícil me imaginar e desconfio de uma casa que não os tenha.”

Daniel Goldin. *O dia dos livros*, p.25.

Resumo

O principal objetivo deste texto situa-se em percorrer dúvidas e questionamentos sobre o processo criativo dos livros denominados *Oikoá* e *Mairawê*. Exploraremos as decisões por recursos expressivos, pelas escolhas de materiais, pelos experimentos, pela elaboração de esboços e de rascunhos. Em primeiro lugar, percebe-se a necessidade de reunir o livro e suas imagens, incluindo artes visuais e texto. Não se trata de meros desenhos e ilustrações, acompanhando o texto: destaca-se a necessidade de diálogos, entre o formato do livro, as imagens e as qualidades estéticas/éticas reunidos no projeto *Oikoá* e *Mairawê*. Ambos os projetos são do período correspondente aos anos 2021 e 2022.

Palavras-chave: Processo criativo; Artes visuais; Livro ilustrado.

Abstract

The main objective of this text is to cover doubts and questions about the creative process of the oeuvres *Oikoá* and *Mairawê*. This includes decisions regarding expressive resources, material choices, experiments, sketches, and drafts. First and foremost, there is a need to bring together the book and its visuals, combining visual arts and text. However, these are not mere drawings and illustrations accompanying the text. Above all, there is a need for dialogue between the book's format, the visuals, and the ethical and aesthetic qualities that are brought together in the *Oikoá* and *Mairawê* projects, developed in 2021 and 2022 respectively.

Keywords: Creative process; Visual arts; Illustrated book.

¹ Professora Titular do Instituto de Artes, Unicamp. E-mail: luise@unicamp.br.

Introdução

“Apreender a obra ou fazê-la — desculpem-me alguns — são atos que pressupõem ou que dependem do mistério. As certezas científicas de nosso tempo, os racionalismos pouco sábios não toleram a ideia de que algo lhes escape, temem as trevas e creem na luz universal, tão enganosamente torva. Entretanto, é inútil excluir o mistério — ele está em nós e em torno de nós.”

Jorge Coli, In: Ana Mae Barbosa. **O ensino das Artes nas universidades**, p. 54.

"A inspiração é lançar-se para ser, mas também e sobretudo é recordar e voltar a ser. Voltar ao ser".

Octavio Paz. **Poesia e Forma**, p. 221.

Neste ensaio são abordados dois projetos de livros: suas imagens, suas sequências narrativas e as escolhas dos materiais expressivos (texto e imagem). Ocorrem indagações sobre a origem, o ponto de partida, as dúvidas, os erros e os acertos. Ambos os projetos possuem proximidades, ainda que caminhos nem sempre iguais.

O ponto de partida pode ser uma fotografia, um vídeo, um sonho ou um pesadelo. De qualquer maneira, observar o início de um livro com imagens traz o ponto de interrogação que o artista tem ao contemplar uma tela branca, matrizes ainda não trabalhadas. O que fazer? Por onde começar? Até que profundidade avançar? Realizar reflexões sobre o modo implica olhar por dentro, não apenas contemplar o resultado do processo.

Oikoá

O projeto do livro *Oikoá* surgiu a partir de fotografias de queimadas florestais, depois de um episódio ocorrido em São Paulo, quando na tarde do dia 19 de agosto de 2019 nuvens de fumaça escureceram o céu. A fumaça era o resultado de queimadas na região amazônica e do Mato Grosso. O céu escureceu e um sentimento de angústia se manifestou. Esse fato ocorreu no período da pandemia por Covid-19, no qual a circulação esteve limitada, os materiais artísticos escolhidos foram guache, esponjas, pincéis chatos e moldes vazados, usando a técnica de estamperia denominada *pochoir*. Na medida em que as formas foram recortadas, estudos e esboços foram executados. Gradativamente, foram realizados esboços em formato do livro, com algumas imagens, realizando estudos preliminares para visualizar sequências, uma vez que na sua síntese se apresentava o projeto de livro, com imagens e textos. Em termos técnicos, o guache utilizado durante o percurso se mostrou opaco, sem brilho, com cores nem sempre vibrantes. Tal fato conduziu a realização de diversas camadas de tintas.

A sequencialidade não se mostrava fluida, de modo a possibilitar a criação de atalhos para contornar o impasse. Foram pensadas as presenças de figuras humanas, observando os cenários, ainda que posteriormente essas formas foram deixadas de lado. Mesmo sem presenças físicas, havia olhares acompanhando as diversas cenas do livro. Eram os olhares meus e os olhares das culturas indígenas.



Fig. 1. Recortes/ moldes vazados. Fonte: Autora, 2022.



Fig. 2. Ilustração. Fonte: Autora, 2022.



Fig. 3. Ilustração com texto. Fonte: Autora, 2022.



Fig. 4. Ilustração com texto. Fonte: Autora, 2022.



Fig. 5. Oikoá – ilustração da capa do livro, que esteve entre os finalistas do Prêmio Jabuti de 2022, na categoria Ilustração.

Fonte: Autora, 2022.

Mairawê

“A sombra é a memória da luz.”

Roberto Casati. **A descoberta da sombra.**

“A biografia pode prescindir de um trauma?”

Sérgio Vilas Boas. **Biografismo.**

No caso de *Mairawê*, trata-se de um projeto ainda inacabado. Aqui, havia um texto de início, um relato autobiográfico de um líder indígena, cuja história abarca o período de criação do parque do Xingu, pelos irmãos Villas Boas. O relato autobiográfico se situa em um período determinado, envolvendo questões da memória mescladas com imaginação. Ao ler o texto, sobreveio a ideia de trabalhar com recortes, sombras e luzes, como diz Píndaro de Roberto Casati, em *A descoberta da sombra*: “sonho de uma sombra, o homem.”

A sombra e a luz, ambas intercaladas, surgiram com representações de tempos e paisagens passadas, porém sem pensamentos funestos. As formas foram recortadas parcialmente das fotografias, juntamente com as sombras projetadas. A luz da lanterna precisava ser forte nesse processo. No momento inicial, foram realizados alguns testes, para verificar os resultados. Surgiram alguns problemas, tal qual: como fixar as formas recortadas no papel? Foram realizados alguns esboços com fragmentos de isopor, varetas de madeira e celofanes coloridos, provando-se o desafio dos materiais. O celofane é transparente, mas reflete o brilho da luz da lanterna. Ainda assim, afixar as formas com varetas e pedaços de isopor mostrou-se insuficiente.



Fig. 6. Mairawê — *Recortes*.

Fonte: Autora, 2022.



Fig. 7. Mairawê — 1ª experiência com sombra.

Fonte: Autora, 2022.

Na sequência, aconteceram novos ensaios fotográficos e constatou-se que não havia possibilidades de reunir grupos de figuras, restando apenas alguns recortes. Sintetizado o processo, surgiu a necessidade da realização de mais experimentos, o que não fora previsto. Anteriormente, houve pesquisa de animais e objetos indígenas. A inserção de detalhes de papéis japoneses finos tingidos com urucum demonstrou-se um uso esteticamente insuficiente, não refinado o suficiente para o projeto inicial pretendido. Como parte do registro do processo, os cenários foram fotografados, incluindo maquetes dos acontecimentos vividos no processo. O passado se mistura com o presente da criação.



Fig. 8. Maquete para estudar a sombra projetada. Fonte: Autora, 2022.



Fig. 9. Fotografia/ ensaio. Fonte: Autora, 2022.



Fig. 10. Fotografia / ensaio. Fonte: Autora, 2022.

Queimadas, derrubadas de árvores e garimpos obrigaram diversas culturas indígenas a deixarem seus lares. Surge um momento de melancolia, de se pensar que desde a invasão portuguesa no Brasil essas cenas se repetem.

Comentários finais

“O artista lida com sua obra em estado de conteúdo inacabamento o que é experienciado como insatisfação.”

Cecília Salles. **Redes de Criação**, p. 21.

Esboça-se a inquietação sobre como se dá o início da criação da arte em geral, ou de livros, como nesse caso. Podem existir estímulos iniciais, ideias germinantes, porém durante a prática muitos aspectos são alterados, incluindo a redefinição de recursos técnicos, como a refacção de pranchas. Trata-se de um processo, que leva seu tempo.

A produção de livros de imagens e textos sempre levanta algumas dúvidas. Porém, reunir as escolhas em torno de uma ideia norteadora é fundamental. Além disso, é importante a definição de técnicas e de efeitos superficiais. Da mesma maneira, o texto deve dialogar com as imagens, de maneira intrínseca.

Aspectos objetivos caminham paralelamente com os subjetivos, que incluem sentimentos e emoções que não deveriam ser esquecidos. O ponto de partida possui um objetivo claro, ainda que seja acompanhado de emoções e afinidades.

Como em outros trabalhos artísticos, o processo de criação nem sempre é marcado por certezas. Ao se tratar de livros, há múltiplos momentos: escolha de papéis, de editora, seleção de escritos, e mesma seleção de equipe, como designer e fotógrafo. Todos participam com igual importância.

Um pensamento final surgiu na escrita deste texto: as atrocidades que ocorrem (no passado, no presente e no futuro) criam uma cumplicidade e um impulso de registrar devastações e mortes. Ao observar o ocorrido, surge raiva e melancolia. A realização dos livros torna-se, além do prazer estético, uma forma de manifestação, tendo como norteadoras as perguntas: como é possível se manifestar? Como podemos compor testemunhos? Como cada pessoa reage? Quanto ao artista, como incorporar estas situações na obra?

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, G. **Nudez**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.
- AGAMBEN, G. **O fogo e o relato**. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.
- BARBOSA, A. M. T. (editora). **O ensino das Artes nas Universidades**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- BRITES, B.; TESSLER, E. (org). **O Meio como ponto zero**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- CASATI, R. **A Descoberta da sombra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- DEWEY, J. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- GOLDIN, D. **Os dias dos livros**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- MANNONI, L. **A grande arte de luz e da sombra**. São Paulo: Senac/Editora da Unesp, 2003.
- NUNES, B. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1995.
- SALLES, C. A. **Gesto inacabado**. São Paulo: Annablume, 1998.
- SALLES, C. A. **Redes de criação**. Construção da obra de arte. São Paulo: Editora Horizonte, 2006.
- VILAS BOAS, S. **Biografismo**: Reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.